



• LÍNGUA

A HELENA DOS POETAS: UMA QUESTÃO DE GÊNERO?

Dina Maria Martins Ferreira*

Resumo: Este estudo se configura pela hibridez de áreas de estudos da linguagem, já que leva em conta os estudos linguísticos sobre gênero e um *corpus* literário em torno do mito de Helena, o eterno feminino. Faz-se um percurso analítico desde o século VIII a.C. na Grécia antiga, e chega-se ao Brasil contemporâneo. Nesta jornada poética, discute-se se é pertinente aceitar o conceito de gênero feminino por vozes masculinas, formadores de estereótipos falocráticos, ou se o conceito de gênero feminino se constitui apenas por performatividades da mulher.

Palavras-chave: Gênero. Mito. Estereótipo.

*Fazemos votos que
Helena e helenas se libertem dos bárbaros
e não sejam raptadas por culpa de Zeus,
mancomunado com Momo, Têmis e Plutão,
nem tampouco espezinhadas e ameaçadas
por algum truculento Diomedes*
(BRANDÃO, 1989, p. 8).

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este texto é resultado de estudos sobre o feminino e mitologemas na literatura greco-latina (BRANDÃO, 1989)¹. Aparentemente não teria ligação com os estudos atuais sobre o que, por exemplo, Hélène Cixous (apud JEANNET, 2012) e Luce Irigaray (1993, 1994) chamam de “feminismo da

* Possui pós-doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e pela Université Paris V, Sorbonne. Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (Uece) – Fortaleza – CE – Brasil. Pesquisadora na Université Paris V, Sorbonne – Paris – França. E-mail: dinaferreira@terra.com.br

¹ Não poderia deixar de agradecer a Junito de Souza Brandão por ter me permitido, *post mortem*, utilizar sua obra *Helena, o eterno feminino* (1989), da qual fiz parte como compositora do texto grego, praticamente na íntegra, como forma de reescrever o já dito, de modo que este primoroso livro chegue mais perto dos leitores do século XXI.

diferença”, pois, como poderão observar, não vai se travar nenhuma luta ferrenha em prol do feminismo nem se tratar especificadamente de escrita feminina. Muito pelo contrário, pois são as vozes masculinas literárias que constroem o feminino helena.

A escolha do título (A Helena dos poetas: uma questão de gênero?) vem justamente nos possibilitar viajar não só pelo território geográfico-simbólico de Helena como também pelos territórios das vozes dos poetas masculinos construindo o gênero “helena”, uma representação do “eterno” feminino no universo mítico masculino, cujas contingências e performatividades são da seara do sistema patriarcal – um devir de helenas que não têm nem início nem fim, habitando as brumas dos mitologemas. Nessa viagem literária de “helenas”, mesmo enaltecida ou enegrecida, o que o movimento feminista contemporâneo (séculos XX e XXI) chama de gênero feminino é apagado, em razão de não ser construído pela performatividade feminina.

A VIAGEM LITERÁRIA NO ESPAÇO GEOGRÁFICO-SIMBÓLICO

Mesmo que tenhamos a preocupação de “localizar” o geográfico, este local no atlas é de natureza simbólica. Quando me refiro à noção do simbólico estarei no espaço de mitologias gregas, que se constroem na sacralidade do símbolo. E por tal aporte sacralizador torna-se um signo denso e durável, na medida em que está sempre em equivalência com outros sentidos de vida (BARTHES, 1989). Segundo Brandão (1986), a própria etimologia do termo símbolo já ratifica sua densidade de sentido, ou seja, o vocábulo grego *súmbolon* (de *sun* = junto, com; e *ballein* = atirar, lançar) tem o sentido de

[...] “lançar com”, arremessar ao mesmo tempo, “com-jogar”. De início, símbolo era um sinal de reconhecimento: um objeto dividido em duas partes, cujo ajuste, confronto, permitia aos portadores de cada uma das partes se reconhecerem. O símbolo é, pois, a expressão de um conceito de equivalência (BRANDÃO, 1986, p. 38, grifo nosso).

Apesar de estarmos aventando ao símbolo um caráter sacralizador, durável e equivalente, ele não está ontologizado no essencialismo, muitas vezes agregado ao simbólico, pois não se nega à morfologia cultural de cada emergência simbólica. O que se propõe é entender a construção do “gênero helena” pela percepção de que

[...] os símbolos são diversamente vividos e valorizados: o produto dessas múltiplas atualizações constitui em grande parte os “estilos culturais” [...] [e] como formações históricas, essas culturas não são mais intercambiáveis; estando já constituídas em seus próprios estilos, elas podem ser comparadas no nível das Imagens e dos símbolos (ELIADE, 1996, p. 173, grifo nosso).

Haesbaert (2006, p. 40) nos auxilia a entender por que estamos designando essa viagem de uma geografia simbólica. Para esse autor, nada é mais coerente do que tratar território pela vertente cultural ou “simbólico-cultural: [que] prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva em que o território é visto, sobretudo, como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido”. Ou seja, a dimensão simbólica habita um espaço social organizando-se pela historicidade e geograficidade, quesitos de territorialidade.

Vale a observação que historicidade e geograficidade podem ser valores construídos no próprio território ou designados por outro território – neste caso, estaremos ainda em viagem, mas já fora da Grécia Antiga, pois os valores da mitologia grega podem ou não ser apropriados por outros territórios, tais como Itália, Alemanha, Brasil, locais que também vamos visitar.

Apresentamos o início de nossa viagem com um guia-atlas: primeiro a localização histórico-geográfica dos poetas masculinos², depois o percurso de Helena pela literatura mais antiga. Vale a ressalva de que reduzimos em muito a nossa viagem, pois só na literatura greco-romana haveria mais de 34 obras em que Helena se presentifica.

Onde bradam as vozes dos poetas masculinos gregos³:



Figura 1 – Atlas. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps>>.

Legenda:

- Anatólia, Homero, *Iliada* e *Odisseia* (séc. VIII a.C.)
- Ilha de Kíos, Hesíodo, *Os trabalhos e os dias* e *Teogonia* (séc. VIII e VII a.C.)
- ▲ Ilha de Lesbos, Safo, *Poemas, LI* (séc. VII a.C.)
- ▣ Éfeso, Hipônax, *Fragmentos* (séc. VII a.C.)
- ▼ Ilhas Cíclades, Semônides de Amargós, *Sátiras às mulheres* (séc. VII e VI a.C.)
- ✕ Atenas, Êsquilo, *Oréstia* (séc. V e IV a.C.), e Eurípedes, *Andrômaca*, *Orestes*, *Medeia*, *Helena* (séc. V e IV a.C.)

E por onde Helena faz sua peregrinação literário-simbólica:

- ➡ Tróia
- ↓ Ilha de Ítaca
- ↑ Micenas
- ↖ Esparta
- ★ Creta

- 2 Também incluímos no mapa a ilha de Lesbos, local da poetiza Safo, como forma de economia de figuras, desordenando um pouco os tópicos das vozes masculinas.
- 3 Em formatos geométricos diferentes, a legenda indica o local de nascimento dos poetas gregos, o título da obra em que Helena se faz personagem e o período aproximado dessas obras. E as setas e a estrela referem-se às passagens de Helena na geografia das obras gregas. Os outros poetas que se inserem na Grécia Moderna, na Alemanha com Goethe e no Brasil com dois poetas, não recebem figuração no atlas devido à memória recente dos leitores.

OS “GÊNEROS” DE HELENA E A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO

E já tendo a contextualização geográfico-histórico-simbólica, é na e pela linguagem que os poetas masculinos constroem as suas helenas, senão os estereótipos de representação feminina. Não estamos ainda clamando pela designação gênero, mas por estereótipos, devido ao fato de não haver performativos femininos nessa caminhada. No entanto, se os estereótipos fossem considerados gêneros, teríamos quatro subgêneros – feminino-deusa; feminino-heroína; feminino-adúltera-traidora-prostituta; e feminino-em-paz –, todos sob a égide do hemistiquio de Êsquilo – “sofrer para compreender”.

Feminino-deusa

A primeira Helena se constitui em divindade cretomicênica. Sua existência foi comprovada em Atenas, na Ilha de Creta e outros lugares como Rodes etc., conforme atestou o geógrafo Estrabão (63 a.C.-24 a.C., grego da Amaseia, atual Turquia). Era uma deusa ctônica da vegetação, que sempre renascia todo ano, tanto que Apolo na tragédia euripídiana *Orestes* confirma a tradição divina de Helena:

*Porque, filha de Zeus, ela deve viver como imortal,
E com Cástor e Pólux entrará nas profundezas do éter,
como guardiã da vida dos navegantes⁴
(Or. 1635-1637).*

E Homero a apresenta na *Ilíada*, quando ela sobe as escadarias em Troia para ser apresentada ao Rei Príamo, pai de Páris, o príncipe de Troia, que a rapta de Menelau, rei de Esparta, pelo excesso de sua beleza:

*Não, não é uma nêmesis [“uma punição”] que troianos e aqueus de belas grevas
sofram tantas desgraças,
há tanto tempo, por semelhança mulher [...]
Quando vista de perto ela se assemelha terrivelmente às
deusas imortais...
(Il. III. 156-158).*

Esse trecho se refere ao fato de que Zeus engendraria uma filha, Helena, de tal modo que provocasse uma guerra entre a atual Ásia e a Europa, de modo a trazer o equilíbrio cósmico; os homens mortais estavam em grande alarido. Helena seria o pretexto para deflagrar o conflito e Aquiles agiria. Essa mesma prerrogativa se repete em *Helena* de Eurípides, não só ratificando o papel do feminino que deve ser punido, como também transformando esse papel punidor em glórias ao masculino (Aquiles):

*Além do mais, a estes infortúnios acrescentaram-se
outros designios de Zeus: a eclosão da guerra entre
os helenos
e os desventurados troianos, a fim de aliviar a Mãe-Terra
de uma pletera impertinente de mortais e enaltecer
o mais destemido dos gregos
(Hel. 36-41).*

4 As citações de fragmentos foram retiradas da obra de Brandão (1989). Ver nota 1.

Helena, como a deusa da punição, já constrói a representação estereotípica de que tudo que acontece é culpa da mulher. Não é só o hemistíquio de Êsquilo que compõe o feminino-punição, Eurípedes é insistente nessa prerrogativa na obra *Medeia*:

*De todos os seres viventes e pensantes, somos nós, as mulheres,
as criaturas mais sofredoras. Primeiro, somos obrigadas
a gastar muito dinheiro para comprar um marido
e (além disso, a) dar um senhor ao nosso corpo, mal
ainda mais grave que o primeiro.
E vem o problema mais sério: será ele bom ou mau?
Pois é uma vergonha para as mulheres abandonar o marido
nem lhes ser possível repudiá-lo
(Med. 230-237).*

Feminino-heroína

E na condição de heroína, mesmo isenta de culpa pelo rei de Troia, Príamo, Homero não deixa Helena livre do sentimento de que merece punição. Ela se amaldiçoa e se julga digna de castigo:

*Diante de ti, dileto sogro, sinto-me constrangida e temerosa,
Antes me tivesse levado a morte cruel do que ter seguido
teu filho até aqui, abandonando meu tálamo, meus parentes,
minha querida filha e minhas amáveis companheiras
(Il. III. 172-175).*

Na *Odisseia*, Helena minora, de um lado, sua culpa de mulher espartana em diálogo com Telêmaco – conta sua experiência em Troia com a entrada de Ulisses e o “cavalo de Troia”, o famoso “presente de grego” –, e, de outro, não deixa de glorificar a superioridade masculina:

*Nesse tempo, enquanto outras mulheres troianas lamentavam-se em
altas vozes,
meu peito, no entanto, se alegrava, pois meu coração já se inclinara
a voltar para casa, e lamentava a loucura em mim,
provocada por Afrodite, quando para lá me arrastou de minha terra
pátria,
deixando minha filha, meu tálamo, meu esposo,
que não é inferior a ninguém, quer no espírito, quer na beleza
(Od. IV. 259-264).*

Tanto que, na *Ilíada*, a mulher heroína necessita para tal de um marido herói, Menelau, já que Páris se enfraquece diante dos horrores da guerra de Troia:

*Se os deuses, todavia, nos reservaram estes horrores,
porque, ao menos, não sou mulher de um homem destemido,
capaz de sentir a repulsa e as múltiplas injúrias dos homens?
Páris, no entanto, não tem persistência alguma e jamais a terá.
E creio que, em breve, ele verá as consequências
(Il. VI, 349-353).*

Helena se faz tão heroína que enfrenta Afrodite, acusando-a do feitiço recebido para ter abandonado Menelau, rei de Esparta. Ordena a Afrodite a deitar-se com Páris:

*Vai deitar com ele. Abandona a companhia dos deuses,
deixa de escalar o Olimpo. Aprende a te atormentar por causa dele,
vela por ele, até que o mesmo te faça sua esposa e talvez sua escrava!
(Il. III, 406-409).*

Mas Helena-heroína rapidamente se transforma em anti-heroína por Hesíodo, em *Os trabalhos e os dias*:

*Outros, conduzidos em navios, para além do abismo marinho,
para Troia, por causa de Helena de linda cabeleira,
lá foram envolvidos pela morte que tudo finaliza
(Trab. 164-166).*

Feminino-adúltera-traidora-prostituta

De anti-heroína, Helena passa a adúltera e traidora, em *Andrômaca* de Eurípedes:

*Nenhuma jovem espartana, mesmo que o desejasse,
poderia permanecer virtuosa:
desertando a casa paterna, coxas nuas e peplos esvoaçantes,
participam com os adolescentes
dos exercícios nos estádios e palestras, hábitos a meu ver intoleráveis.
É necessário, após isso, admirar-se de não formardes
esposas honestas?
(And. 595-601).*

Realmente Eurípedes não perdoa Helena, porquanto não a isenta de um segundo julgamento que a condena à morte. A impura mulher em *Orestes* deve ser condenada:

*Se nosso punhal se erguesse contra uma mulher honesta,
seria um crime abominável. Helena, todavia, pagará pela
Grécia inteira,
cujos pais matou, cujos filhos fez perecer, cujas mulheres
privou de seus maridos.
Ergue-se-á um grito de júbilo e as chamas dos altares
[...]
por termos derramado o sangue de uma mulher infame.
(Or. 1132-1140).*

Ésquilo também se insurge contra Helena, na trilogia *Oréstia*. Aliás, é impossível em tragédia salvar alguém, não?

*Quem, pois, senão um ser invisível que na sua
presciência,
fazendo-nos falar a língua do destino, deu este nome
tão verdadeiro
àquela que, objeto de contestação, o esposo reclama,
lança na mão,
esta Helena justamente cognominada perdição de navios,
perdição de homens, perdição de cidades
(Agam. 681-688).*

Essa mulher traidora ascende a Hesíodo, em *Os trabalhos e os dias*, pois conclama: “quem confia em mulher está confiando em ladrões” (*Trab.* 375), e também na *Teogonia*:

*E quando, em vez de um bem, [Zeus] criou este mal
tão belo,
conduziu-a (Pandora) para onde estavam os demais deuses e homens.
[...]*

[...] *Dela se originou
a espécie maldita das mulheres, flagelo terrível instalado
entre os homens mortais...*
(Teog. 585-588; 590-592).

E um pouco mais ao sul do continente grego, nas Ilhas Cíclades, Simônides de Amorgós também não perde a vez de satirizar Helena em *Sátira às mulheres*:

*Zeus criou com efeito este imenso flagelo
e a ele nos prendeu com liame indestrutível: o Hades
recebeu, por isso mesmo, os que lutam por causa de
uma mulher*
(Sat. Mulh. 115-118).

No entanto, a misoginia alcança o seu ápice com Hipônax de Éfeso, cujo ditado popular circula até hoje entre homens machistas:

*Há dois momentos em que a mulher nos proporciona um
prazer supremo,
no dia do casamento e quando a levamos à sepultura*
(Frag. 29 Bergk).

Feminino-em-paz

Diante de tanta misoginia, parece-me que até a voz patriarcal-poética se cansa. Esse cansaço chamo de “feminino-em-paz”, porquanto Eurípedes desvanece Helena em éter.

*Todos vós, frígios e aqueus, como sois infelizes. As maquinações de Hera
fizeram que, por minha causa, durante tantos anos morrêsseis
nas margens do Escamandro! Julgáveis que Páris possuísse
uma Helena e ele no entanto nunca a teve. Agora, após cumprir
durante todo esse tempo o que me foi pelo destino imposto,
retorno para junto de meu pai, nos altos dos céus*
(Hel. 608-613).

Já Goethe a celebra em *Fausto* (1981 [1806]), nas serenas camadas do éter, vivendo com Aquiles, na foz do Danúbio, eternamente ditosa na Ilha Branca:

*Eu [Helena], como sombras, vinculei-me a ele, outra sombra,
Um sonho foi, dizem-no as próprias palavras;
Desmaio. E sombra torno-me eu, para mim mesma*
(Fausto, Ato III).

AS HELENAS CONTEMPORÂNEAS: EQUIVALÊNCIAS SIMBÓLICAS

Entretanto, parece que Helena não descansa no éter da Ilha dos Bem-Aventurados, continua até hoje a provocar pulsões (séculos XIX, XX e XXI), sejam elas misóginas ou não, sejam irônicas, suaves e deleitosas – mas sempre pulsão na voz do masculino. Como diz Brandão (1986, p. 121), “Curioso é que entre muitos poetas modernos Helena continue sua caminhada, às vezes parecendo até que o sangue de Troia nunca foi purgado!”. Continua até a contemporaneidade o hemistiquio esquiliano “sofrer para compreender”!

O poeta neogrego Giorgos Seféris (apud PAES, 1986, p. 169) a transforma em sombra, talvez querendo lhe dar paz ou até culpando-a da guerra, quiçá?:

*E em Troia?
Nada em Troia – apenas um fantasma.
Assim os deuses o quiseram.
E Páris se deitou com uma sombra, como se ela fosse um ente sólido,
e por Helena durante dez anos fomos massacrados
(Diário de Bordo, III).*

Na comédia *Abel e Helena* (título é um trocadilho) de Artur de Azevedo (1877), Helena tem um rapto diferente. Ela deveria ir para um convento, pois seu padrinho Nicolau (que a pretendia para esposa) a surpreende com o bem-amado Abel. E este, disfarçado de frade, rapta Helena. Na fuga, já no trem em movimento, Abel tira o capuz, os óculos e a barba e grita para a apoplético Nicolau:

*Ó Nicolau, triste papel
fizeste em cena:
cá levo Helena...
Eu sou Abel!
(Ato Terceiro, Cena IX).*

Já o poeta e ensaísta Gilberto Mendonça Teles, no poema “Ubi Troia fútil”, em quatro versos, “euripidizou” Helena, em *Sociologia goiana* (1982, p. 111):

*Helena de um
Helena de dois
Helena de trois
Helena de trottoir.*

Enfim, parece que o feminino se eterniza em mito e poesia, pela voz literária masculina de Goethe em *Fausto* (1981 [1806]):

*Têm os filólogos aqui
Enganado a si mesmos como a ti.
Se é mitológica, é única a mulher;
Recria-se o poeta como lhe prouver.
Não envelhece, nem fica madura,
Mais sedutora, sempre, sua figura.
Raptam-na, moça, idosa, ainda é do amor a meta;
Pois basta! Não se atém ao tempo o poeta.*

Mas ainda o feminino não é o agente de sua representação, é o *alter ego* masculino que a constrói, seja belamente, seja ironicamente.

A VOZ FEMININA NA CONSTITUIÇÃO DE GÊNERO!?

Mesmo em uma viagem que se iniciou em tempos primevos, a voz feminina deu o seu brado: Safo, a poetiza da Ilha de Lesbos. Talvez um marco para o movimento feminista em que a mulher é agente de suas escolhas. A história de Safo é envolta em lendas e muitas controvérsias por causa da Escola para Moças que fundou, onde se ensinava poesia, música e dança somente a mulheres. Safo amava todas suas “amigas” e não alunas, principalmente seu grande amor e amante Ítis (daí o termo lesbianismo, em razão de sua homossexualidade). Safo, diante da coragem de escolha de Helena – acompanhar seu amante Páris –, elogia sua determinação e destemor:

*Uns consideram que as corridas de carros, de infantes
ou de navios
são o que há de mais belo na face da negra terra.
Para mim, o que de mais sublime existe é o objeto do
amor de cada um.
É muito fácil fazer que todos compreendam esta verdade:
Helena, que pôde comparar a beleza de tantos homens,
escolheu como o mais atraente aquele que destruiria a
gloriosa Tróia.
Tendo abandonado a filha e os parentes mais queridos,
deixou-se ir, arrastada por Cípris, a fim de amar um homem de terras longínquas...
(Liv. 1, 27 D, 1-13).*

Mesmo que o percurso do feminino pela voz masculina não revele um emba-te feminista, este estudo não deixa de captar a prerrogativa de Simone de Beauvoir (1973 [1949]), quando diz “não se nasce mulher, torna-se mulher”. Até porque é uma afirmativa que embute toda uma noção de performatividade, seja uma suposta Helena agente, seja uma personagem do universo masculino.

Se pudéssemos ancorar a representação do feminino pela figura de Helena(s), duas categorias são aventadas para a constituição de sua representação social: feminilidade e “feminilidade” (MARTINS FERREIRA, 2009). Na feminilidade, encontramos com a Helena que “alimenta o perfil identitário do senso comum da mulher tradicional, provido por arquétipos do sistema patriarcal” (MARTINS FERREIRA, 2009, p. 126) – não é à toa a construção que é feita pelos poetas masculinos. E, na “feminilidade”, encontramos a Helena de Safo que “escolheu”, agiu – enfim esta Helena constrói “o sujeito-‘feminilidade’ [que] precisa afirmar-se no seu meio funcional, adotando elementos que indexem seu posicionamento de força” (MARTINS FERREIRA, 2009, p. 127).

Retornando a Simone de Beauvoir, Helena, a meu ver, torna-se mulher mesmo sob a égide do falocentrismo, até porque os poetas precisaram da força centrípeta de Helena para compor sagas, comédias e tragédias humanas. Sem Helena, mesmo sendo assinalada como fantasma (cf. SEFÉRIS apud PAES, 1986), suas “histórias” literárias não se narrativizariam. Sob o falocentrismo é a mulher-punição, que precisa “sofrer para compreender”, no entanto, o masculino esqueceu que sofrer é ação, é um “tornar-se mulher”, mesmo que, pretensamente, submetida ao *alter ego* masculino.

Parece-me que, mesmo insistindo em categorias dicotômicas na construção identitária de gênero feminino, em que o universo ontológico se exacerba, a dicotomia perde sua força hierarquizante. O “tornar-se mulher” beauvoiriano encontra-se com a asserção do filósofo analítico Willard van Orman Quine: “ser é ser o valor de uma variável” (apud RAJAGOPALAN, 2000, p. 80). O termo *ser* pode nos levar ao *onto*, mas a *variável* se movimenta, se performatiza, torna-se. Nesse sentido:

Tal assertiva vislumbra o universo multifacetado em que a identidade se constrói, por exemplo, ser mulher é ser o valor feminino de uma rede variável sócio-cultural-ideológica, ou seja, o construto da identidade do feminino mobiliza, situado em espaço social e cultural, sentidos ideológicos (MARTINS FERREIRA, 2009, p. 127).

A própria Judith Butler (1986, p. 35), uma das grandes representantes do feminismo contemporâneo afirma:

[...] se há algo de certo na afirmação de Beauvoir de que ninguém nasce mulher e sim torna-se mulher decorre de que a mulher é um termo em processo, um devir; um construir de que não pode dizer com acerto que tenha uma origem ou um fim.

Não foi isso que aconteceu às helenas (propositadamente no plural) pelas vozes masculinas desde o século VIII a.C. até os XIX, XX e XXI? O “ser mulher” não foi se “tornando mulher” x, y, z, de acordo com o tempo e o espaço, de acordo com as gramáticas culturais nas quais emerge?

É preciso também lembrar que a noção de gênero⁵

[...] é um conceito contemporâneo, surge a partir da ideia de que o feminino e o masculino correspondem a construções culturais que vão mais além das fronteiras entre os sexos de caráter puramente biológico (KUBISSA, 2006, p. 182, tradução nossa).

Resta a questão de saber se o gênero feminino é apenas delimitado pela agência do discurso feminino ou pode ser construído pelo masculino.

Se gênero feminino está vinculado ao discurso da mulher, a Helena não aplicamos a noção de gênero, mas a de um arquétipo feminino construído pelo sistema patriarcal. Se o movimento do “feminismo da diferença” reclama contra a divisão cultural genérica entre masculino e feminino, buscando uma superação de gêneros para uma compreensão unitária do humano (cf. KUBISSA, 2006, p. 183), nosso estudo sobre o poeta masculino construindo o feminino perde sua razão de ser. Até porque uma “compreensão unitária” é uma linha cultural e sociológica de valoração, mas eliminar as diferenças parece-me inviável. Para Hélène Cixous (apud JEANNET, 2012), a linguagem é uma tradução e qualquer escritor fala por meio do corpo. E como o corpo feminino é diferente do masculino, logo as literaturas vão construir outros corpos diferentes de acordo com o corpo-escritor. Nesse sentido, Helena não seria um gênero feminino “puramente” feminino, já que a escritura é construção do masculino.

E se gênero é uma estilização do corpo, independentemente de quem o constrói, Helena seria um corpo construído (pelo masculino), estilizado pelo tempo e história em que é produzido; mas se depende da própria agência, Helena seria uma fantasma-mulher ou uma personagem feminina segundo a vontade do masculino. Conforme argumentação de Pinto (2002, p. 106), agência/linguagem/corpo é uma rede de contínua intercomunicação, pois “o efeito do ato de fala é operado ao mesmo tempo pelo que é dito, por quem diz e por como é dito”, logo, sujeito, fala e corpo estão em relação imbricada. No caso de nossa viagem, teríamos o sujeito e a fala masculinos construindo o corpo feminino. Aí o perigo de entendermos gênero como dissociado de quem fala, pois

[...] o dizer do corpo não é um acidente, uma causalidade psico-física-motora do momento da enunciação ligada à intenção do/a falante. O corpo é também ritualizado. Sua ação não é um ato físico não-convencional [...] Suas estilizações fazem parte dos processos de marcação social; a convencionalidade e a repetição definem sua legitimidade e traçam o domínio do possível, do pensável e do executável (PINTO, 2002, p. 107).

⁵ Texto original: “También el concepto de género, dentro de la elaboración teórica del feminismo, es de cuño contemporáneo y surge a partir de la idea de que lo femenino y lo masculino responden a construcciones culturales, que van más allá de la frontera entre los sexos de carácter puramente biológico”.

Nessa viagem, “a convencionalidade e a repetição” de helenas-sofrer-para-compreender parecem se deter na categoria feminilidade, sob a legitimação do sistema patriarcal.

No entanto, o “domínio do possível, do pensável e do executável” está aí, haja vista a nova imortal da Academia Brasileira de Letras, a pensadora e crítica Rosiska Darcy de Oliveira, que assumiu a cadeira 10, em junho 2013, cujos atributos, como “a rebeldia, a irreverência, a defesa do ‘feminino’ e uma ruidosa campanha pela felicidade” (ZAIDAN, 2013, p. 154) constroem o gênero feminino: “O movimento feminista se constrói sobre uma ideia extraordinária ‘nosso corpo nos pertence’. Quer botox? Faça!” (ZAIDAN, 2013, p. 158).

Se o gênero está no “que é dito, por quem diz e por como é dito”, Helena continua um gênero-fantasma.

HELEN OF THE POETS: A QUESTION OF GENDER?

Abstract: *This study sets the hybridity of areas of language studies, as it takes into account the gender studies and literary corpus concerning the myth of Helen, the eternal feminine. It is an analytical path since the VIII b.C., in ancient Greece, coming to contemporary Brazil. In this poetic journey, we discuss if it is appropriate to accept the notion of feminine gender by male voices, forming falocratical stereotypes, or if the concept of feminine gender is constituted only by women's performativities.*

Keywords: *Gender. Myth. Stereotype.*

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, A. Abel e Helena. In: *Teatro de Arthur de Azevedo*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Artes Cênicas/Inacen, 1877. t. 1, v. 7. (Coleção Clássicos do Teatro Brasileiro).
- BARTHES, R. *Elementos de semiologia*. Tradução Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1989.
- BEAUVOIR, S. *Le deuxième sexe*. Paris: Gallimard, 1973 [1949]. t. I e II.
- BERGK, T. *Poetae elegiaci et iambographi*. Lipsiae. In: *Aeditus B. G. Teibmero*, 1914.
- BRANDÃO, J. de S. *Mitologia grega*. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1986. v. I.
- BRANDÃO, J. de S. *Helena: o eterno feminino*. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 1989.
- BUTLER, J. Sex and gender in Simone de Beauvoir's second sex. *Yale French Studies*, Oxford, n. 72, p. 35-49, 1986.
- ELIADE, M. *Imagens e símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso*. Tradução Sonia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- GOETHE, J. W. von. *Fausto*. Tradução Jenny Klabin Segall. Belo Horizonte: Livraria Itatiaia, 1981 [1806].
- HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialização*. Do “fim dos territórios” à multi-territorialidade. São Paulo: Bertrand Brasil, 2006.

- IRIGARAY, L. *Toward a culture of difference*. New York: Routledge, 1993.
- IRIGARAY, L. *Thinking the difference: for a peaceful revolution*. New York: Routledge, 1994.
- JEANNET, F.-Y. *Hélène Cixous: encounters: conversations on life and writing*. Tradução Beverley Bie Brahic Malden. Chicago: University of Chicago Press, 2012.
- KUBISSA, L. P. Diferencia, identidad y feminismo: una aproximación al pensamiento de Luce Irigaray. In: SEMINARIO DE METAFÍSICA, 39., 2006, Madrid. *Anais...* Madrid: Universidade Complutense de Madrid, 2006. p. 181-201.
- MARTINS FERREIRA, D. M. *Discurso feminino e identidade social*. 2. ed. São Paulo: Fapesp/Annablume, 2009.
- PAES, J. P. *Poesia moderna da Grécia*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- PINTO, J. P. Performatividade radical: ato de fala ou ato de corpo? *Revista Gênero*, Niterói, v. 3, n. 1, p. 101-110, 2002.
- RAJAGOPALAN, K. O singular: uma pedra no caminho dos teóricos da linguagem. *Cadernos de Estudos da Linguagem*, Campinas, n. 38, p. 79-84, 2000.
- TELES, G. M. *Sociologia goiana*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- ZAIDAN, P. Pop e, agora, imortal. *Revista Claudia*, São Paulo, n. 6, p. 154-158, jun. 2013.

Recebido em janeiro de 2014.

Aprovado em agosto de 2014.